

SESSÕES DO PLENÁRIO

4ª Sessão Ordinária da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 20 de fevereiro de 2024.

**PRESIDENTE: DEPUTADO SAMUEL JUNIOR
(SEGUNDO SECRETÁRIO)**

À hora regimental, 14h45, no relatório de presença, verificou-se o comparecimento dos(as) senhores(as) Deputado(as): Alan Sanches, Alex da Piatã, Angelo Coronel Filho, Antônio Henrique Júnior, Binho Galinha, Bobô, Cafú Barreto, Cláudia Oliveira, Eduardo Alencar, Eduardo Salles, Eures Ribeiro, Fabíola Mansur, Fabrício Falcão, Fátima Nunes, Felipe Duarte, Hassan, Hilton Coelho, Jordavio Ramos, José de Arimatéia, Júnior Muniz, Júnior Nascimento, Jurailton Santos, Kátia Oliveira, Laerte do Vando, Leandro de Jesus, Luciano Araújo, Luciano Simões Filho, Manuel Rocha, Marcelinho Veiga, Maria del Carmen, Marquinho Viana, Nelson Leal, Neusa Cadore, Niltinho, Olívia Santana, Pablo Roberto, Pancadinha, Patrick Lopes, Paulo Rangel, Pedro Tavares, Penalva, Raimundinho da JR, Ricardo Rodrigues, Roberto Carlos, Robinho, Robinson Almeida, Rogério Andrade, Rosemberg Pinto, Samuel Júnior, Sandro Régis, Tiago Correia, Vitor Azevedo, Vitor Bonfim, Zé Raimundo Fontes e Zó. (55)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão.

PEQUENO EXPEDIENTE

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Pequeno Expediente. **(Oradores inscritos)**

No Pequeno Expediente, o próximo orador inscrito que está presente é o deputado Hassan, grande representante da nossa querida Jequié e de toda a região. Tem sido um grande deputado combativo, principalmente em relação à Viabahia. V. Ex.^a, deputado, dispõe de até 5 minutos.

O Sr. HASSAN: Obrigado, deputado Samuel Junior, pelas palavras. V. Ex.^a sabe da amizade e do respeito que nós temos por V. Ex.^a e a alegria de vê-lo presidindo esta sessão hoje.

Mas, presidente, o motivo que nos traz hoje a esta tribuna é um motivo de muita alegria e de muita honra, o de poder parabenizar a cidade de Lafaiete Coutinho, que hoje está completando 62 anos de emancipação política.

O município de Lafaiete Coutinho hoje comemora 62 anos. Conquistou isso no dia 20 de fevereiro de 1962, quando, através da Lei Estadual nº 1.619, o então povoado de Três Morros, à época pertencente ao território de Maracás, foi elevado à categoria de município com o nome de Lafaiete Coutinho.

Sr. Presidente, com muita alegria, parabenizo todas as lideranças locais, os vereadores, a população em geral, mas quero aqui, por meio do amigo, o vice-prefeito Hélio Romão, em nome do presidente da Câmara, vereador Cleiton Aguiar, do meu amigo Binho de Cocá, dos seus pares, vereadores Jean Lessa, que é o Jan do Morro, vereador Geo Rico, vereador Bilisco, vereador Teco e vereador Eugenio Souza, aqui parabenizar.

Realmente, Lafaiete Coutinho teve a alegria de ter como seu prefeito o amigo e irmão Zé Cocá, que hoje está prefeito da cidade de Jequié. Hoje, ao comemorar essa data, é importante reconhecermos o trabalho que ali foi desenvolvido pelo povo lafaietense em prol do desenvolvimento daquela cidade e daquela região no Vale do Jiquiriçá.

Por justiça, quero realçar exatamente a relevância do legado que foi deixado ali por Zé Cocá quando prefeito daquela cidade por dois mandatos consecutivos. E esses mandatos promoveram e ajudaram o fortalecimento socioeconômico da cidade de Lafaiete Coutinho, que passou a ser referência pelos investimentos ali feitos em saúde, os investimentos ali feitos na educação, os investimentos ali feitos na infraestrutura, que levaram o nosso querido amigo Zé Cocá a se destacar em gestão pública na região. Depois disso, ele foi deputado estadual e me antecedeu, com muito orgulho aqui nesta Casa, e hoje está prefeito da querida cidade de Jequié.

Portanto, a todos os lafaietenses o nosso abraço, tenho orgulho de aqui poder representar aquela cidade, representar aquele povo de bem. Hoje só temos realmente motivos para comemorar.

Mas quero também, Sr. Presidente... V. Ex.^a tocou num assunto importante, que é a nossa luta contra a concessionária Viabahia, que, realmente, neste início de ano, vem deixando números que nos têm deixado muito tristes e preocupados, que são números relativos a várias vidas que foram ceifadas nas estradas, vidas que têm sido perdidas, sonhos que têm sido levados por causa de acidentes que têm acontecido.

Eu não tenho dúvida, Sr. Presidente, de que quem trafega pela BR-116, quem trafega pela BR-324 está vendo a má conservação do asfalto, do piso dessas rodovias. Rodovias que são pedagiadas, que todos nós pagamos pedágios, que, nesta Casa, todos os deputados reconhecem esse mau serviço que é prestado pela Viabahia, pelo não cumprimento da duplicação, e essa não duplicação tem elevado os números de acidentes e, principalmente, esses acidentes têm sido, em sua grande maioria, com vítimas fatais.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Então, neste ano, nós continuaremos a levantar essa bandeira contra essa concessionária até que ela cumpra o contrato que foi assinado há 15 anos. Nós já estamos cansados desse desrespeito com todos nós baianos e baianas.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): O.k., deputado Hassan.
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Está ali o nosso primeiro vice-presidente, deputado Zé Raimundo, que está como presidente nestes dias e me autorizou a aqui continuar presidindo esta sessão. Portanto, chamo o próximo orador, deputado José de Arimateia.

Com a palavra o deputado José de Arimateia. V. Ex.^a dispõe de até 5 minutos.

O Sr. JOSÉ DE ARIMATEIA: Sr. Presidente, Sr.^{as} e Srs. Deputados, vocês da imprensa que nos acompanham, *TV ALBA*, é muita alegria estar de volta.

Primeiro, quero agradecer a Deus, porque é Ele quem nos dá força, é Ele quem nos guia, quem nos protege e quem nos guarda para que a gente possa sobreviver diante de um mundo tão difícil e cruel, até porque o próprio Senhor Jesus disse que o mundo jaz do maligno, o mundo – ouviu, deputado José Raimundo? –, o mundo jaz do maligno.

Quando ele falou isso é porque ninguém pode botar no colo de Deus, nem na conta de Deus, as desgraças que estamos vivenciando. Ele não tem culpa de nada, pelo contrário, Ele já está dizendo: “O mundo jaz do maligno”. Então, se você, independentemente da sua religião, não tem fé em Deus, você está correndo o risco. Deus é quem protege, Deus é quem nos guarda.

Mas, Sr. Presidente, é muito bom revê-lo, rever todos os Srs. Deputados aqui de volta para mais um ano de trabalho nesta Casa. Espero que, neste segundo ano da legislatura, nós deputados que representamos mais de 15 milhões de habitantes do estado da Bahia, possamos representar a população com os projetos que são apresentados nesta Casa, com as lutas que vamos enfrentar no sentido de que o idoso, principalmente os idosos possam ter os seus direitos preservados. A questão ambiental, que é de suma importância para o nosso estado, que venha a ser também respeitada. Esperamos também que a saúde do povo baiano possa avançar, principalmente nessa questão da regulação, que ainda continua sendo um dos maiores problemas para a gestão que está aí, que ainda não a resolveu, que vem de gestão em gestão, e esse tem sido um problema. Nós esperamos encontrar uma saída, Sr. Presidente. Sabemos que nós não estamos aqui para sermos pessimistas, não. Nós temos de ser otimistas, porque, quando a gente não vê a resolutividade dos problemas que o governo tem, quem sofre é o povo da Bahia.

Então, eu venho a esta tribuna para dizer que este deputado vai continuar lutando na Comissão de Saúde, na qual estou como vice-presidente, na Comissão de Meio Ambiente, também em defesa dos idosos e da causa animal. Inclusive, a gente espera avançar nas políticas públicas, que já foram entregues nas mãos do Sr. Governador do estado da Bahia, para que a causa animal possa ser olhada com outro olhar, e que a população da Bahia também possa receber essa resposta.

Quero dizer também, Sr. Presidente, que este ano é ano das eleições municipais. A minha querida cidade de Feira de Santana espera que o deputado José de Arimateia

seja candidato, e eu quero dizer que estou à disposição do povo de Feira de Santana, até porque, deputado Samuel Junior, que representa muito bem o partido que é 10, o Republicanos, nesta Casa, na história...

(O Sr. Presidente faz soar as campanhas.)

(...) política de Feira, na última eleição para prefeito, este deputado ficou em 3º lugar. E olha que foram nove candidatos. Nós só temos cinco nomes atualmente, no momento, para disputar as eleições de Feira de Santana. E o nome de José de Arimateia continua à disposição de Feira de Santana. Atualmente, nós temos três Zés: Zé de Arimateia, Zé Ronaldo e Zé Neto,...

(O Sr. Presidente faz soar as campanhas.)

(...) e tem também o meu colega deputado Pablo Roberto.

Então, Sr. Presidente, era isso que eu gostaria de falar.

Desde já, que Deus abençoe este ano de 2024.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Então, V. Ex.^a falou que quem não votar em Zé vota em Pablo? Ou eu não entendi direito? (Risos)

O Sr. JOSÉ DE ARIMATEIA: V. Ex.^a não almoçou, não. V. Ex.^a não almoçou, não.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Esse deputado Zé de Arimateia é uma figura, grande representante do partido Republicanos e também da Princesinha do Sertão.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Com a palavra agora o deputado Robinho. V. Ex.^a, deputado, dispõe de até 5 minutos.

Deputado Robinho, representante do Extremo Sul da Bahia. Nestes dias ele andou lá pela Região Norte, lá em Sento Sé. Tem rodado muito.

Deus abençoe Robinho. Robinho é um grande amigo.

O Sr. ROBINHO: Agradecendo, presidente, pela lembrança do que a gente teve nos rincões da Bahia.

Meu amigo, presidente em exercício, Samuel, queridos amigos da Bahia, bom, amigos, talvez esteja explicado por que a educação da Bahia está nos rumos que está. Hoje a Bahia só ganha, na educação, para o estado do Maranhão, nós somos o penúltimo estado em educação. Está explicado aqui com o discurso do governador.

(O deputado reproduz conteúdo de aparelho celular ao microfone)

“(...) quando eu vejo professoras e professores reprovando alunos. Não pode ser um professor, um educador que tenha que dizer no final do ano: ‘Você está reprovado’. Quando se reprova...”

Eu não vou mostrar o áudio todo porque eu entendo que todos aqui tiveram a oportunidade negativa de ouvi-lo. Se eu não tivesse ouvido esse discurso, e se alguém me falasse isso, eu diria que era mentira. Como pode um governador pedir para que

os professores não reprovem? Você, meu amigo, professor Raimundo, como professor, não pode reprovar um aluno que não cumpriu sua meta no final do ano?

Talvez seja por isso que a educação da Bahia está onde está. Ele fala de pressão. Inclusive, eu queria perguntar ao governador, que é um professor, que foi professor na Uefs, lá de Feira de Santana, tem aqui dois colegas que são representantes de Feira de Santana, eu queria perguntar se ele nunca reprovou os alunos onde ele era professor, na Uefs. Então, está explicado por que a educação da Bahia está nesses patamares.

Ontem, aqui, eu estava conversando e falando da questão da invasão de uma propriedade no município de Itapetinga, próximo a Potiraguá, uma propriedade que não é demarcação indígena, 17 índios a invadiram, e o nosso colega... Eu não entendi o comportamento do líder Rosemberg Pinto.

Eu senti Rosemberg em uma situação, assim, deprimente. Eu nunca vi aqui, nesta Casa, algum deputado criticar o grande líder do PT, o presidente da República, Luiz Inácio da Silva, e eu vi o líder Rosemberg Pinto dizer que realmente o presidente se excedeu em seu pronunciamento com relação ao Hamas, aquele pronunciamento que tem dado o que falar no cenário internacional.

Mas o que acontece é que o presidente da República, ele tem falado coisa com coisa. Por exemplo, quando ele esteve na Volks, na fábrica da Volks, concessionária Volks, tinha lá uma moça negra, e ele se direcionou ao pessoal do Cerimonial com relação àquela moça: “Ela vai cantar?” Aí o pessoal do Cerimonial disse: “Não, não vai ter música”. Ele continuou: “Ela vai fazer algum batuque, vai bater em algum tambor?” Isso está aqui no *Globo*, isso foi o *Globo* que colocou.

Então, ele se referiu ao negro como se o negro só servisse para cantar, para batucar, para bater tambor.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Para a tristeza desse presidente, aquela moça recebeu o prêmio de destaque como funcionária da Volks na Alemanha.

O PT, que sempre fala das minorias, menosprezou, subestimou os negros...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) porque ela recebeu um título de destaque como funcionária da Volkswagen, mas, na cabeça do nosso presidente...

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Para concluir, deputado.

O Sr. ROBINHO: (...) na cabeça do nosso presidente, o negro só serve para batuque, para samba. É esse o pensamento do presidente.

Eu poderia falar também...

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Para concluir, deputado.

O Sr. ROBINHO: (...) que ele queria tirar uvas de uma árvore de oliva, como se estivesse se referindo ao plantio de uma árvore de oliva na Palestina. A árvore de oliva tem um significado muito grande, você que é o representante da igreja, a árvore de oliva representa muito para o cristianismo, para o judaísmo e para outras

denominações religiosas, mas, para o presidente, ele iria tirar uvas de uma árvore de oliva. Essa é a cabeça do nosso presidente.

Que Deus tenha piedade do povo brasileiro.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): O.k., deputado Robinho.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Com a palavra agora o deputado professor José Raimundo. (Silêncio) Próximo? O próximo orador é o deputado Hilton Coelho, sempre com o símbolo da resistência.

Uma alegria ter aqui também o deputado Paulo Rangel, o vejo ali batendo um papo sadio com o deputado Antonio Henrique.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Por certo, já está fazendo a sua pré-campanha ou a campanha do TCM. Paulinho, que é um grande amigo, um excelente parlamentar, Deus o abençoe, deputado Paulo.

O Sr. HILTON COELHO: Boa tarde, Sr. Presidente, demais deputados e deputadas, representantes da imprensa que acompanham esta sessão e que, a meu ver, têm uma expectativa, certamente, muito grande com este ano que se inicia, especialmente em relação ao posicionamento desta Casa acerca do que vai ser o futuro da nossa educação.

Eu tenho dialogado, Sr. Presidente, com o conjunto de representantes da categoria de educadores e educadoras do estado da Bahia, e, apesar desse sentimento de que é muito importante mudar os rumos da educação do estado, o que a gente tem percebido são muitas incertezas e muita decepção em relação à capacidade de diálogo do governo Jerônimo no que se refere a demandas legítimas da educação da Bahia.

Eu quero citar aqui, primeiro, as incertezas. Ainda hoje nós temos um estado que não respeita o piso nacional da educação. Precisaria pagar o que é considerado o salário-mínimo de professores e professoras para se ter dignidade, para os professores estarem em sala de aula enfrentando uma realidade que é extremamente difícil.

Eu destaco aqui o papel do respeito aos professores e professoras aposentados que não recebem o piso, estão longe disso, e algumas dessas educadoras estão recebendo próximo ao salário-mínimo. É uma situação vexatória como nós tratamos aqueles e aquelas que um dia dedicaram sua vida a fazer uma trajetória que fosse uma trajetória digna, inclusive, de cada um de nós que está aqui hoje neste Plenário.

As incertezas em relação à questão dos precatórios do Fundef, por exemplo, deputado Pablo: mais uma vez o governo não dá sinais. Nós estamos chegando no período da terceira parcela dos precatórios do Fundef, e, mais uma vez, vem aquela situação imponderável: será que a Bahia, mais uma vez, vai figurar no mural da vergonha dos estados que não pagam os juros de mora do Fundef?

É um recurso que, incontestavelmente, é dos profissionais da educação, reconhecido por todos os estados que pagaram o Fundef, que tinham dívida do Fundef com seus profissionais da educação. Todos pagaram os juros de mora, a Bahia já

passou vergonha por duas vezes. Nós queremos a garantia de que vai ter o pagamento dos juros de mora, isso é muito importante.

Por fim, Srs. Deputados, existe uma situação hoje, aqui na Bahia, que ligou o sinal de alerta em relação à qualidade da educação. Veja bem, nós sempre tivemos, de alguns anos para cá, o mecanismo da dependência. Para quem não se lembra desse mecanismo, o estudante e a estudante que não conseguissem passar em três disciplinas ficariam com essas disciplinas pendentes, para que, no transcurso do ano, ele fosse cursando as matérias.

Se ele tivesse dez matérias letivas, ele ficaria com a pendência de mais três, ou seja, precisaria cursar 13 matérias, veja a qualidade da nossa educação. Em um contraturno, ele precisaria ter o resultado que ele não teve em toda a trajetória. Pela qualidade da educação da Bahia, para a gente, em função do posicionamento das diversas gestões do governo estadual, isso já seria algo questionável.

O que foi que aconteceu neste ano? O governo aumentou para cinco disciplinas de dependência e, para piorar a situação, fez isso depois que o ano letivo já tinha sido concluído, deputado Pablo. Quer dizer, as escolas fizeram todo um planejamento, as famílias sabiam que os estudantes estavam com a determinada pendência, e hoje não faltam escolas, na rede estadual, que estão com mais de 50 alunos numa só turma.

Eu queria perguntar ao governador Jerônimo de maneira muito tranquila: se fosse para os filhos dele que se adotasse esse mecanismo pedagógico, o que é que ele acharia da qualidade da educação dos seus filhos? A gente precisa se perguntar isso porque ao povo é dedicado qualquer coisa.

A meu ver, um mecanismo como esse...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Para concluir, Sr. Presidente.

(...) é uma esculhambação com a educação do estado da Bahia. Nós não podemos permitir, o governo do estado precisa rever essa situação. As famílias não querem que seus filhos sejam aprovados de qualquer forma, a educação tem que ter qualidade, e, para ter qualidade, precisa ter respeito ao processo pedagógico.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Para concluir, deputado.

O Sr. HILTON COELHO: Muito obrigado, Sr. Presidente. Eu espero que o governo do estado reveja esse posicionamento e reveja um conjunto de outros para valorização da categoria e garantia dos mecanismos de qualidade da educação da Bahia.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): O.k., deputado Hilton.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Meu nobre professor, antes de eu ouvir V. Ex.^a, porque quando a gente escuta V. Ex.^a é sempre uma aula. Eu poderia ouvir o nosso colega Robinson?

Então, com a palavra o deputado Robinson e depois a gente para para ouvir uma aula, porque a gente não pode demarcar, Paulinho, os 5 minutos do professor, para que ele fique à vontade para fazer a sua explanação.

O Sr. ROBINSON ALMEIDA: Boa tarde, Sr. Presidente, Sr.^{as} e Srs. Deputados, membros da imprensa e das galerias que nos acompanham nesta tarde.

Eu quero, primeiro, registrar aqui a minha solidariedade e o meu apoio ao presidente Lula, que tem sido vítima de uma orquestração, de uma corrente ideológica de extrema direita, no mundo e no Brasil, que busca distorcer, amplificar uma fala que o presidente fez sobre um conflito mundial, envolvendo Israel e a Palestina.

Ora! Todos nós sabemos e acompanhamos que a posição do Brasil em relação à guerra da Ucrânia contra a Rússia e à guerra de Israel contra a Palestina é no sentido de buscar a paz, de se portar como um mediador desses conflitos mundiais. Uma espécie de voz isolada, o presidente Lula, por várias vezes, em agendas internacionais, tem chamado esses líderes mundiais à responsabilidade para a importância de preservar as vidas. Mas o jogo de interesse, no Conselho de Segurança da ONU, bloqueia qualquer possibilidade de paz – e a guerra se prolonga por meses. Na Palestina está ocorrendo um massacre de civis, de mulheres, de crianças e de inocentes.

Não é uma guerra, professor José Raimundo, de um exército contra outro exército, de homens armados e treinados disputando no território. É um estado bem equipado, aparelhado, fazendo um verdadeiro bombardeio diário contra uma população civil desprotegida. Daí, resultaram-se já em 35 mil mortes. Trinta e cinco mil mortes!

Então, qual é a definição técnica para quando uma nação, um povo é exterminado por outro? A literatura chama isso de genocídio! E genocídio é o que está ocorrendo na Palestina. Está sendo morto todo o povo palestino por ação deliberada do outro estado e do outro exército.

Então, o presidente Lula, de forma corajosa – sem deixar dúvida de que lado está –, está do lado da paz. Ele quer que a guerra seja cessada e que as vidas sejam preservadas.

Então, trago aqui a minha solidariedade ao presidente Lula, e a mesma solidariedade ao povo de Israel, ao povo judeu, que também foi vítima de um genocídio, esse promovido pelos nazistas que, comandados por Hitler, dizimaram a vida de quase 6 milhões de pessoas. Da mesma forma, eu me coloco solidário ao povo judeu. Não pode ocorrer essa manipulação de colocar a fala do presidente Lula em solidariedade ao povo palestino como afronta à comunidade judaica e ao povo judeu.

Na verdade, é o seu presidente, o líder, o chamado Bibi, que está em uma posição desconfortável para enfrentar a eleição, que levou essa guerra às últimas consequências e está buscando fazer disso um alibi para a sua escalada genocida na Faixa de Gaza. Então fica aqui a minha solidariedade.

Eu quero, aqui, também registrar os meus cumprimentos,...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) parabenizar o vereador Wilson do PT, presidente da câmara de Paripiranga, pela brilhante atividade do último sábado e, principalmente, pela reforma que foi feita naquela Casa Legislativa – certamente, agora colocada entre as melhores câmaras de vereadores de toda a Bahia.

Quero parabenizar também o prefeito Guito, da minha querida, Dom Macedo Costa,...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) que ontem entregou a unidade de educação primária da cidade, de educação infantil, a creche municipal, uma obra concluída com recursos próprios. Isso porque o ex-presidente Bolsonaro cortou as verbas federais, mas, mesmo assim, o prefeito Guito conseguiu concluir a obra e, ontem, foi entregue à população.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Para concluir, deputado.

O Sr. ROBINSON ALMEIDA: Parabéns, Dom Macedo Costa, parabéns prefeito Guito.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Com a palavra o nobre professor, deputado José Raimundo. V. Ex.^a dispõe do tempo que achar necessário.

O Sr. ZÉ RAIMUNDO FONTES: Obrigado, nobre deputado Samuel Junior, secretário da Mesa, que dirige esta reunião da nossa Casa Legislativa.

Srs. Deputados, Sr.^{as} Deputadas, amigos e amigas que estão nos assistindo por meio das redes sociais, da internet, da *TV ALBA*, eu também quero voltar aqui a esses dois temas que têm sido tratados por vários oradores. O primeiro deles é com relação à fala do presidente Lula, no dia 2 de fevereiro, quando ele, em um ato, em que a Ford iria anunciar investimento, ou melhor, desculpem, a Volkswagen, anunciava investimentos em São Bernardo e, nesse ato, o Lula, vendo uma jovem na mesa dos trabalhos, na mesa de honra, olhou e saiu aquela frase que “Um afrodescendente assim gosta de um batuque”. E a interpretação que foi dada foi exatamente o contrário do que o Lula quis dizer.

Ora, qualquer analista mais rigoroso – e eu tenho aqui o respeito pelos nobres queridos amigos deputados e deputadas – que analisar o texto, vai ver que é exatamente o contrário que o Lula quis dizer. O Lula disse: “Olha, eu chegando aqui vi aquela mesa e imaginei o que estaria fazendo essa jovem negra no palanque, na mesa de honra”. A imagem tradicional seria de que não caberia uma jovem negra naquela mesa de uma grande empresa multinacional, anunciando grandes investimentos. “O que estaria ela fazendo aqui? Estaria se preparando para um show musical?” E isso é verdade, todos nós afrodescendentes trazemos, no nosso sangue, um ritmo tribal, atávico, histórico, e que nós temos uma tendência para a música em geral – não é só para a percussão. Aliás, os negros americanos, os grandes músicos, são pianistas, porque, como foram proibidos os instrumentos africanos lá, e com a presença muito forte dos evangélicos, os negros americanos foram instrumentalizados, educados para tocar piano, tocar músicas do hinário e, dali,

nasceram grandes cantores e cantoras gospel como, aliás, hoje as grandes cantoras clássicas e líricas americanas são negras.

Então, Lula dizia, “olha, no meu imaginário, seria isso, ou então uma jovem negra que estaria ali com o seu namorado. Mas, não!” – aí vem a verdadeira intenção e o verdadeiro sentido do discurso do Lula – “Essa jovem negra está aqui, essa jovem preta está aqui para receber um prêmio de pesquisadora, graças às políticas sociais dos últimos anos”.

Meus amigos, qualquer leitor atento vai fazer uma análise semiológica do texto e vai dizer que era isso que o Lula queria dizer. Mas vivemos num tempo rápido, lépido, da internet, em que a frase solta é um perigo. Você tira do contexto, descontextualiza e faz a leitura rápida que você quer. Claro que o Lula fez um movimento mental, uma metáfora, comparando o imaginário anterior e aquela realidade dali. O Lula sabia de antemão que aquela jovem estava ali. Ora, qualquer mesa presidencial, todo mundo sabe, o Lula sabia quem estava ali. Ali foi um raciocínio metafórico dele, para mostrar a imagem antes, o imaginário do preconceito dos lugares dos pretos e das pretas, dos negros e das negras, e os lugares, em que, hoje, essa população, excluída historicamente,...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) está ocupando. Esta, sem dúvida alguma, foi a fala do presidente Lula.

Mas eu quero pautar, Sr. Presidente, para concluir, voltarei também ao tema da fala do Lula com relação a Israel. Na verdade, o Lula não fez nenhuma alusão, nenhum adjetivo antissemita.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

O Lula foi antissionista. Há uma diferença, está aí nas redes sociais, há muitos artigos. O antissemita é quem é contra o povo judeu. Antissionista é aquele que é contra a formação de um estado teológico, somente de Israel. É o que o Lula defende; é o que a ONU defende; e é o que os países do mundo, quase todos, defendem são dois estados: um estado palestino e um estado do povo judeu. Isso sem dúvida alguma. Esse tema a gente precisa voltar a falar depois.

Fica aqui a pergunta para concluir: o Hamas, quem criou o Hamas? Israel – uma parte do governo de Israel, e não o povo judeu. O governo de Israel. Quem criou o Talibã? Os Estados Unidos americanos. Quem foi que promoveu a guerra do Iraque contra o Irã? Os Estados Unidos. Saddam Hussein? Cria dos Estados Unidos. Então, até hoje, infelizmente, as populações pobres do Oriente Médio pagam – digamos assim – pelos erros do passado do imperialismo, que se apropriaram do Oriente Médio e, no final da Primeira Guerra Mundial, uma parte ficou com a França e a outra com a Inglaterra. Foram eles que manipularam e levaram a essa situação de crise.

Sr. Presidente, esse é um tema que vale o debate com tranquilidade. O presidente Lula tem defendido claramente a paz. Ele se referiu ali, naquele momento, ao fato de o governo de Israel estar fazendo algo semelhante ao que Hitler fez com o povo judeu. Talvez a palavra, o contexto... Mas o que ele quis dizer foi que o mundo inteiro e a ONU não podem ficar inertes e vendo milhares de jovens, crianças, mulheres – sobretudo crianças, dez mil crianças – assassinados ali na Faixa de Gaza.

Não pode, não pode, não pode! Foi a indignação do Lula, talvez até a sua impotência em parar essa guerra, que o levou a comparar.

Só para concluir, Sr. Presidente, holocausto é você vitimar a pessoa através do fogo. Isso é o que significa o termo holocausto. No caso ali, o extermínio, por várias maneiras. De certa maneira, o extermínio... Talvez a população mais vitimada na história tenha sido a população latino-americana: 25 milhões dos povos aqui foram dizimados pelos espanhóis, assim como 6 milhões de negros foram trazidos escravizados da África no Calunga Grande, que é o grande rio. Eles encontraram aqui na Bahia, de certa maneira, o lugar para reproduzir essa cultura extraordinária, que é a cultura africana.

Muito obrigado, Sr. Presidente, mas eu voltarei a esse tema. Eu agradeço a tolerância de V. Ex.^a. Para concluir, realmente, nesse período de Carnaval eu vi um filme muito exemplar: Crepúsculo de Uma Raça, de John Ford, que mostra o extermínio final do povo cheyenne, nos Estados Unidos. Por sinal, filme premiado. Foi uma autocrítica de John Ford, cineasta que defendeu, de certa maneira, a ocupação do Oeste. John Ford, que foi entrevistado belamente pelo nosso querido Glauber Rocha, de Vitória da Conquista, faz uma autocrítica.

Muito obrigado, presidente, pela paciência.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Eu falei que V. Ex.^a tinha o tempo necessário que entendesse. Apesar de discordar, lógico que respeitosa, mas é o que eu digo: V. Ex.^a dá uma aula, tem até o jeito de falar. A gente respeita, a gente admira muito o senhor, professor Zé Raimundo, exatamente por esse jeito do senhor. Lógico que em alguns momentos a gente discorda, o que é natural, mas o senhor se coloca de forma respeitosa, diferente um pouquinho de como o líder ontem falou.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Antes de ouvir o deputado Eures, ouviremos o deputado Fabrício Falcão. V. Ex.^a dispõe de até 5 minutos.

O Sr. FABRÍCIO FALCÃO: Srs. Deputados, deputadas não tem nenhuma aqui; a todos presentes; Sr. Presidente aqui em exercício, meu amigo Samuel; meu boa-tarde a todos e a todas.

Dizem que depois do Carnaval a Bahia começa a trabalhar. Eu acho que não, porque eu trabalhei no mês de janeiro. Vim aqui à Casa, passei uns 10 dias seguidos aqui trabalhando, tirei alguns dias de folga, mas enfim.

Começamos o ano e a Bahia agora vai discutir só eleições municipais. Na verdade, a eleição de deputado é uma eleição muito forte, que nos atinge, mas a eleição que ferve na cabeça das pessoas – não é, Eures? – é a de prefeito e a de vereador, porque o cidadão é brasileiro, é baiano, mas mora no município. É na cidade que ele pisa os pés. A emoção e a disputa das eleições municipais são mais fortes, mais intensas, então o calor é maior.

Hoje, eu vim fazer uma fala muito breve sobre esse assunto que está tomando a Casa desde o ano passado: a eleição para a próxima vaga do Tribunal de Contas dos Municípios do Estado da Bahia (TCM).

Eu já falei aqui em algum momento, quando surgiu a vaga que hoje é ocupada pelo conselheiro Pelegrino, grande conselheiro, grande político da vida baiana... Coloquei meu nome. Recebi o deputado Pelegrino na minha residência, tive reunião com o então governador Rui Costa e abri mão de colocar meu nome, até em respeito à história de Pelegrino, pois sabia que poderia ter outros acertos. Veio uma vaga a posteriori que teve candidatura do nosso amigo Tom, assim como da Sr.^a Aline Peixoto, que hoje é conselheira. Retirei o meu nome também. Tive reunião com a então Sr.^a Aline na sua residência, pudemos conversar, retirei meu nome novamente e votei na Aline, como votei no Pelegrino e votei com consciência. A conselheira Aline, hoje, é tida como uma conselheira destacada que tem trabalhado muito, tem feito um trabalho de muito respeito e valor naquela casa. Isso mostra que ela tinha um talento para estar ali e com alguns conselheiros que você conversa, ela é aplaudida, inclusive por funcionários, pela sua forma de atuação séria e responsável.

Foi conversado com o governador e com o meu partido, o PCdoB, no ano passado, em janeiro – estavam na reunião Daniel Almeida, Alice Portugal, Davidson Magalhães e o hoje presidente Galindo –, ficamos numa discussão, pois o PCdoB iria apresentar um nome, que em tese seria o meu, como deputado estadual àquela casa, uma casa que tenho muito respeito. Dentro do PCdoB tentou-se ter um diálogo, apareceu o nome do deputado Daniel Almeida, grande parlamentar, mas o partido decidiu pelo meu nome. Apresentaram como condição disso, no diálogo com o governador, naquele momento, ter o apoio do governo para o nosso nome.

O fato é que meu nome está à disposição. Há o nome de duas figuras muito queridas da Bahia: o do ex-deputado Marcelo Nilo, que também almeja ter o seu nome, que foi presidente desta Casa por alguns períodos, deputado respeitoso, tanto é que ficou aqui por cinco mandatos consecutivos como presidente da Casa; e o de Paulo Rangel, outro nobre deputado, amigo pessoal, figura querida e carismática, atuante, muito respeitado como parlamentar, como sindicalista que foi, que também lançou o seu nome.

Eu estou tentando, até o momento, ter o meu nome apreciado pelo número de 13 colegas, mas não consegui ainda. Há alguns nomes do PCdoB, a exemplo do nome do colega Wilton, que tem dado o seu nome para isso. Tem condição de ter outros deputados do campo da oposição ao governo, são oposição ao governo, mas são meus amigos pessoais. O fato é que, até o dia 27, também apresentarei o meu nome à Mesa Diretora e quero tentar ver se a Mesa dará as condições de eu ser candidato. Não quero que a Mesa, composta por nove deputados, votei em cada um deles para estarem aqui dirigindo a Mesa, como votei em Zé Raimundo... Em Zé Raimundo votei outras vezes, para prefeito de Conquista, quando ganhou,...

(O Sr. Presidente faz soar as campanhas.)

(...) quando perdeu. Fui o seu líder na Câmara. Então, tenho uma série de votações em Zé Raimundo, eu acredito muito na figura dele. No próprio amigo Samuel e demais colegas.

Então, eu quero ter o quê? A apreciação, que a Casa me dê condições apenas de ser candidato. Não quero que os colegas que já deram assinatura para o colega Paulo Rangel, que deram assinatura para o Marcelo, mudem o seu voto.

Eu quero a compreensão de quê? São 63 deputados, nenhum tem obrigação com o deputado Fabrício...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Só 1 minuto a mais, Sr. Presidente.

Nenhum tem obrigação com o deputado Fabrício, claro que não tem, mas os nove membros da Mesa têm uma certa... Não é obrigação, mas deveriam ter essa condição comigo, com o meu nome e com o partido, porque cada membro da Mesa foi votado por Fabrício, por Bobô, por Zó e por Olívia, pela bancada coesa do PCdoB.

O Sr. Hilton Coelho: Um aparte, deputado Fabrício.

O Sr. FABRÍCIO FALCÃO: Eu apenas gostaria que tivesse essa sensibilidade da Mesa. Acredito que o deputado Zé Raimundo vai estar lá, vai me dar o seu voto. Não o voto que ele vai dar para Rangel, mas o de ser candidato, como o do colega Samuel e de outros tantos. Eu tenho certeza do carinho e do respeito de cada um deles por mim.

Hilton, por favor.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Só uma questão, só um momentinho, deputado Hilton. Nós estamos numa sessão amistosa, entre amigos. Inclusive, professor Zé Raimundo, no discurso do deputado Fabrício ele já pediu o voto a V. Ex.^a, como primeiro vice-presidente.

O Sr. Hilton Coelho: A V. Ex.^a também.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Pediu voto a mim também.

Como nós estamos no Pequeno Expediente...

O Sr. FABRÍCIO FALCÃO: Não tem aparte.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): O Pequeno Expediente não permite que haja aparte, mas como nós estamos numa questão muito amistosa, então eu vou permitir que a gente quebre isso. Eu acho que o professor Zé Raimundo, que também é regimentalista, não vai puxar minha orelha depois, não. (Risos)

É só para constar que não caberia, mas, ...

O Sr. FABRÍCIO FALCÃO: Não cabe, realmente, questão de ordem...

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): (...) em respeito a V. Ex.^{as}, a gente vai fazer essa permissão.

O Sr. FABRÍCIO FALCÃO: Muito obrigado, presidente. Muito obrigado ao senhor.

O Sr. Hilton Coelho: Muito obrigado pela sensibilidade, presidente.

(Intervenção fora do microfone.)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): É que ele pediu um aparte.

O Sr. Hilton Coelho: Pronto. Muito obrigado. Obrigado, presidente.

Eu quero primeiro, deputado Fabrício, cumprimentar V. Ex.^a por essa trajetória muito firme. Eu tenho certeza de que V. Ex.^a sabe por que quer ser conselheiro do Tribunal de Contas. Falo isso porque não é apenas neste momento que eu estou apoiando o nome de V. Ex.^a, mas desde aquela primeira tentativa, que foi um processo muito desgastante nesta Casa. Para mim, naquele episódio, V. Ex.^a é quem tinha a estatura para ocupar a vaga no Tribunal de Contas. Neste momento, eu acho que a Casa, através de sua Mesa Diretora, tem no mínimo que reconhecer que são duas grandes candidaturas.

Eu falei ao deputado Paulo que, mantida a sua candidatura, pela importância que V. Ex.^a tem na história política deste estado, nas lutas populares, pelo seu compromisso e pela perspectiva do PCdoB, o voto do Psol será seu e do PCdoB. Ainda que nós respeitemos muito o deputado Paulo também, mas eu acho que o piso, presidente, que é membro da Mesa Diretora também... Eu acho que o posicionamento correto desta Casa é respeitar as duas candidaturas.

Então, eu queria me somar a V. Ex.^a não apenas no voto, como no pedido, por coerência política nesta Casa. Nós precisamos ter a coerência política...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) de entender que são os dois deputados com trajetória. Quem não quiser optar pela candidatura do deputado Fabrício, como nós estamos fazendo, que, no mínimo, respeite essa candidatura como uma candidatura que tem uma estatura que merece toda, toda a nossa consideração.

Parabéns pela sua coerência, por sua dignidade e, mais uma vez, pode contar com o voto do Psol nessa trajetória.

O Sr. FABRÍCIO FALCÃO: Muito obrigado, Hilton, pelo seu carinho e pela sua atenção.

Mas é isso. Quero encerrar, aqui, presidente. Muito obrigado ao senhor pelo prazo. Quero dizer que o PCdoB está unido, os quatro deputados, tanto a deputada Olívia, o deputado Zó, o deputado Bobô, com o nosso nome. Então, o PCdoB não está dividido.

Você vê que há deputado que não está apoiando o nosso nome.

Nós queremos que a Mesa aprecie o nosso nome e que eu possa ser julgado pela Casa, mesmo que eu tenha, apenas, os quatro votos do PCdoB e do colega Hilton. Mas sei que sou querido e respeitado. Eu respeito cada um dos 62 deputados desta Casa, porque estou aqui, já, há 13 anos e 2 meses. E, nesse fato, aí, sempre com o diálogo, há o respeito a cada colega por sua opinião, por sua posição. E sou amigo de cada um.

Presidente, muito obrigado.

Era isso o que eu tinha a falar por hoje.

Valeu!

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): O.k., deputado Fabrício.

Como nós falamos, é um bate-papo amistoso. Então, a gente respeita e, às vezes, quebra um pouquinho o Regimento.

(Não foi revisto pelo orador nem pelo aparteante.)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Na verdade, Srs. Deputados, a gente já encerrou o Pequeno Expediente, porque iniciamos a sessão às 14h40min. Mas, antes de ouvir o senhor, deputado... Pelo que eu entendi, o senhor vai pedir uma questão de ordem, não é isso?

Vou pedir a aquiescência do nosso presidente e professor Zé Raimundo para a gente ouvir o deputado Eures. Ele estava inscrito. Mas chegou um pouquinho atrasado, pois estava em outra atividade. Eu estou com saudade de ouvir o representante da região, quer dizer, um dos representantes da região Oeste, o deputado Eures Ribeiro, grande amigo nosso, irmão.

Com a palavra o deputado Eures Ribeiro.

O Sr. EURES RIBEIRO: Sr. Presidente, distinta Mesa Diretora, nobres pares, que bom poder retornar à Assembleia Legislativa da Bahia depois do recesso parlamentar.

Fico feliz em rever vários colegas em um ano que será atípico, ano de eleições municipais. E, como bem disse o meu colega Fabrício, este ano move muito a questão da estrutura física, a estrutura política, os humores de toda a classe política. É no município que mora a população, que moram os habitantes. Obviamente, a eleição municipal requer grande calor e grande arvoramento.

Tenho certeza de que este ano será atípico nesta Casa, pois muitos colegas serão candidatos a prefeitos. E a eleição, segundo a legislação, dá, ao deputado estadual como também ao federal, a condição de ser candidato a prefeito sem, necessariamente, precisar sair da sua função parlamentar. São os únicos agentes de cargo público, porque, no Executivo, não é permitido; mas, no Legislativo, é permitido.

Sei que muitos colegas irão disputar as eleições e terão de se dividir em dois momentos e em dois tempos: o tempo de estar aqui representando o povo da Bahia e o tempo de estar nos municípios, fazendo as suas campanhas. Há, também, os colegas que não serão candidatos, mas estarão em diversos palanques. Então, será um ano, bastante, atípico.

Eu quero cumprimentar os colegas na alegria de ver a chuva chegar no Oeste da Bahia, de ver a terra florescer, de ver que, há 3 meses, estávamos com a pior seca da nossa região, perdendo o nosso rebanho, perdendo a nossa estrutura de lavoura e de safra. Hoje, estamos no Oeste da Bahia, graças ao bom Deus, num período de chuva, com fartura, recuperando a nossa agricultura e a nossa economia.

Bom retorno parlamentar para todos.

Também, quero agradecer ao nosso governador por duas obras importantes, quais sejam, uma está sendo iniciada e uma outra, brevemente, será iniciada em Bom Jesus da Lapa, minha terra, onde tive orgulho de ter sido o prefeito por dois mandatos.

A entrada da cidade de Bom Jesus da Lapa está recebendo um grande investimento do governo do estado da Bahia por parte da Secretaria de Infraestrutura do Estado da Bahia, através do secretário Sérgio Brito.

Eu quero agradecer ao secretário Sérgio Brito, parabenizar o prefeito do município e o governador por uma obra importante que está sendo iniciada com recursos, tanto da prefeitura como também do governo do estado da Bahia.

Outra obra será iniciada brevemente. Trata-se do asfaltamento de um bairro inteiro em Bom Jesus da Lapa, que é o bairro Amaralina, bairro importante que será 100% asfaltado, com recursos da secretaria, onde o deputado Sérgio Brito que, votado naquele município, hoje é secretário.

Parabenizo Sérgio Brito, parabenizo o governador Jerônimo, parabenizo o prefeito do município e parabenizo o povo de Bom Jesus da Lapa.

Viva a Bahia!

Desejo que este seja um ano de muita atividade, de muito desenvolvimento e de muito trabalho pela Bahia.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. Robinho: Questão de ordem.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Pois não, deputado.

O Sr. Robinho: Eu queria solicitar uma verificação de quórum e, se possível, aproveitar a oportunidade do tempo de verificação de quórum e usar o espaço, aqui.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): No caso, V. Ex.^a está pedindo uma verificação de quórum e quer que conte o tempo de 15 minutos.

O Sr. Robinho: Sim.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Há um pedido de verificação de quórum de autoria do deputado Robinho.

Vamos marcar o tempo de 15 minutos.

O Sr. Robinho: Quero aproveitar a oportunidade dessa verificação de quórum e comentar o pronunciamento do nosso governador. Ele culpa os professores pela má educação do estado da Bahia. Ele, um professor, aconselha a não ter reprovação para os alunos. Eu fiz, ali, a pergunta, qual seja, se o governador, quando ele era professor na Uefs, se ele reprovou alguém? Essa é uma pergunta que eu quero fazer ao governador porque ele foi e é, eternamente, um professor.

Ele, quando culpa os professores pela má educação do estado da Bahia, porque, pelo cenário que a gente conhece no Brasil, a educação da Bahia é a penúltima em qualidade, pois ela só ganha do Maranhão em qualidade educacional.

E, aí, eu quero lembrar aos professores da Bahia quando da questão dos precatórios, tema já discutido nesta Casa, o governo do estado tirou parte do direito que eram os juros e a mora dos precatórios.

Hoje, o governo tem uma ala de discussão e de apresentação para o povo da Bahia com relação à construção de escolas, construção de escolas de tempo integral e reforma de escola. Eu quero lembrar aos professores que isso é um recurso dos precatórios que era um direito dos professores.

Então, eu quero lembrar aos educadores da Bahia que o ex-secretário da Educação, atual governador da Bahia, um professor, professor da Uefs de Feira de Santana, culpa a qualidade do ensino da Bahia, onde ele, em seu pronunciamento, disse que não se deve reprovar aluno.

Quando se fala em reprovar aluno, eu lembro quando eu era prefeito, lá, no começo, tinha uma sala de aula para o aluno especial. Hoje, juntou-se tudo em uma sala de aula na escola. Há o aluno que não tem um bom aproveitamento, há o aluno que tem um bom aproveitamento e há o aluno especial.

E, aí, todos são prejudicados, inclusive, o professor.

O professor é o mais prejudicado, porque ele não consegue dar a sua aula. O professor não consegue fazer com que o aluno de qualidade continue tendo o bom desenvolvimento. O professor não consegue dar uma atenção especial para aquele aluno que não consegue assimilar as aulas. E quando se chega ao final do ano, o aluno tem de ser reprovado. E o governo diz que não é para reprovar porque quando ele...

Tem alunos na Bahia que estão no 4º ano de ensino e não sabem ler e escrever. Isso prejudica aquele aluno que está lendo, escrevendo e querendo ter uma aprendizagem maior.

Mas e a professora? Como fica essa professora? Como ela tem de dar atenção para aquele aluno que não aprendeu a ler e escrever? Eu entendo que tinha que se colocar em posições e em locais diferenciados.

Eu acredito que o governador fez um discurso sem pensar. Talvez, a assessoria do governador não está aconselhando-o bem para essa questão. Então, é um vídeo que viralizou na Bahia como um todo.

Volto a comentar o discurso do professor Raimundo, por quem eu tenho um grande respeito, pois ele é um homem de muita inteligência, de um conhecimento grande.

Mas, professor Raimundo, com toda a sua sabedoria, ele não conseguiu botar uma nuvem nas gafes do presidente da República. Ele chegou ao lançamento de investimento da fábrica da Volks. E, quando ele chegou ali, ele encontrou uma negra na mesa do cerimonial e perguntou: “Vai ter música?” Não! Ele continuou: “Vai ter batuque? Vai ter tambor?” Não! Ele continuou: “Ela é namorada de alguém?” Não! E, aí, o pessoal do cerimonial falou o seguinte: “Não. É uma funcionária de estágio que recebeu o prêmio na Alemanha pela sua qualificação nas aulas de estágio na fábrica.”

Meu amigo Samuel, você é um negão bacana, veja que é assim a concepção que tem o nosso presidente. É assim a imagem do negro brasileiro. São essas gafes!

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Aí, meu amigo, professor Raimundo, o senhor explicou e o senhor conseguiu enganar bem. Agora, eu quero você explicando a gafe do presidente quando ele disse que a “arvri” (risos), quer dizer, a árvore do azeite vai produzir uva.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Para concluir, deputado.

O Sr. Robinho: Talvez, ele, na vontade de tomar uma, queria que a uva já virasse o vinho. Mas, aí, não tem como você explicar.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

O Sr. Robinho: Ele, plantando, lá, na Palestina...

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Para concluir, deputado Robinho.

O Sr. Robinho: (...) uma árvore, uma planta de azeite. Ele espera que o azeite dê uva. Aí, são coisas do meu amigo Lula, que aprendeu bem com a nossa ex-presidente Dilma.

Um abraço.

O Sr. Rosemberg Pinto: Questão de ordem, Sr. Presidente.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Questão de ordem do deputado Rosemberg.

O Sr. Rosemberg Pinto: Primeiro, os 15 minutos serão contados a partir do contraponto, certo?

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Correto. V. Ex.^a será atendido. V. Ex.^a tem cinco minutos.

O Sr. Rosemberg Pinto: Sr. Presidente, eu quero fazer a contraposição da questão de ordem do deputado Robinho, inclusive, dialogando com a sua motivação para pedir a questão de ordem.

Primeiro, é que a gente precisa entender as falas das pessoas para que a gente não construa as nossas narrativas. O que acontece é que o mundo, que a elite brasileira... essa elite mundial enxerga, de uma forma extremamente equivocada, as pessoas, principalmente, por uma análise de cor. Quando o presidente Lula levanta uma questão nesse sentido, deputado Robinho, é para que o mundo perceba que a gente não deve olhar para uma pessoa, olhando pela cor dela e pelo instrumento que estava ao seu lado, mas, sim, pelo que ela representa do ponto de vista da construção de uma sociedade humana.

E, às vezes, a gente faz, deputado Zé Raimundo, e deixa as pessoas fazerem uma interpretação pela sua concepção elitizada e preconceituosa com relação à cor e à raça das pessoas.

Do ponto de vista do governador Jerônimo Rodrigues, ainda hoje conversávamos sobre essa questão, é que nós não podemos fazer a educação e pegar a nossa juventude, que precisa de uma educação pública e de qualidade, deixando-a “patinando” como se fosse no século XIX, como se a forma de educar estivesse vinculada a uma questão meramente matemática de se cumprir ou não cumprir um determinado percentual de uma prova feita por uma determinada pessoa.

Nós não estamos discutindo a responsabilidade e nem a colocando para os professores – não foi isso que o governador Jerônimo falou com relação aos professores. Mas é inadmissível a gente manter um estilo de concepção de educação que não se mede diariamente a evolução dos estudantes. Às vezes, depois de 1 ano de tentativa de aprendizagem, chega ao final do ano, você tem que reprovar aquele aluno, o que significa um atraso de 1 ano na vida educativa e na vida de cada garoto ou garota.

Então, o que está por trás é uma reformulação no processo educacional e de aprendizado, cuja responsabilidade é coletiva. Eu não posso responsabilizar o aluno isoladamente por não chegar a uma meta que nós entendemos ser a meta correta para passar de um ano para o outro. A responsabilidade tem que ser coletiva. A responsabilidade na educação pública é do Estado. O Estado tem que tomar as medidas no sentido de fazer e garantir que a nossa juventude tenha um aprendizado digno. Para além da reprovação de um aluno ou de uma aluna, está a sua alimentação em casa, está a sua condição de vida, está a participação na escola, as condições que esse aluno se encontra. A fala do governador, ontem, foi em cima de todas essas informações. Nós não podemos aceitar a reprovação de um aluno de forma solitária e achar que a reprovação está correta.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

É chamamento de uma responsabilidade coletiva para isso. Esse debate é fundamental para que a gente possa discutir o melhor formato de uma nova educação. Uma educação, como disse hoje o deputado Paulo Rangel, que teve um filho reprovado em determinado ano e que depois ele o colocou...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) numa outra escola para que ele pudesse fazer a recuperação naquele ano...

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Para encaminhar a sua questão de ordem, deputado.

O Sr. Rosemberg Pinto: (...) daquela matéria que ele perdeu. Ele recuperou e depois passou em três vestibulares diferentes.

Então, não podemos fazer vista grossa e achar que a fala do governador Jerônimo joga uma responsabilidade em cima dos professores. A responsabilidade é nossa, é coletiva, para que a gente possa encontrar um aprendizado de qualidade.

Atendendo uma solicitação do deputado Robinho de verificação de quórum, quero que V. Ex.^a obviamente marque o tempo de 15 minutos para que a gente possa atender a sua solicitação de verificação de quórum para continuidade da sessão.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Srs. Deputados, visivelmente não há quórum regimental, mas como há o pedido, cabe a mim, presidindo esta sessão, cumprir o que os Srs. Deputados estão solicitando e cumprir o que o Regimento Interno diz, que é exatamente fazer uma verificação, não é?

(O deputado Rosemberg Pinto se manifesta fora do microfone.)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Não? Então, já que há um comum acordo, porque o que o Regimento diz é que, se há esse contraponto, a gente deve

zerar o painel e estabelecer os 15 minutos para que os deputados compareçam ao Plenário.

Mas já que todos concordam, declaro encerrada a presente sessão convocando os Srs. Deputados e Sr.^{as} Deputadas para amanhã no horário regimental.

Deus abençoe a todos vocês!

Deixaram de comparecer à Sessão os(as) senhores(as) Deputados(as): Adolfo Menezes, Dr. Diego Castro, Euclides Fernandes, Ivana Bastos, Ludmilla Fiscina, Marcinho Oliveira, Matheus Ferreira, Soane Galvão. (08)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.